

## **Mediatizando: Uma Maneira de Levar Educação Midiática a Escolas de Ensino Médio<sup>1</sup>**

Evelyn Carolina Lima de SANTANA<sup>2</sup>

Paulo Roberto de Araújo TENÓRIO<sup>3</sup>

Sofia Cavalcanti ZANFORLIN<sup>4</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

Parte da população ainda não entende como a mídia influencia seu cotidiano, como suas formas de uso, logo acentua-se a necessidade da educação midiática, principalmente entre a população jovem. Após visitar escolas levando a Oficina Comunicação Antirracista foi possível perceber como estudantes do ensino médio são expostos a questões a quais não possuem educação para lidar, reforçando a presença de violações dos direitos humanos nas mais diversas áreas da comunicação.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação Midiática; Mídia; Comunicação

### **INTRODUÇÃO**

Os meios de comunicação e as tecnologias da informação integram e transformam nosso cotidiano (Martins, 2020, p.13) e se fazem cada vez mais presentes no dia a dia da população. Dessa maneira, o debate sobre a comunicação não deve mais ficar presa somente a quem faz a comunicação. Pois vive-se um tempo onde todos são criadores de conteúdo e não mais se faz necessário esperar os veículos tradicionais, ou seja as empresas de rádio, televisão e impressos, apresentarem as notícias do dia para se informar midiaticamente sobre algo.

Boa parte da população brasileira e, notadamente, aqueles que mais precisam, não têm conhecimento suficiente para fazer valer seus direitos, formar uma opinião embasada, participar. Aos comunicadores essa questão é muito importante porque há dificuldades de dialogar com aqueles que não vivem em um ambiente e condições bastante diferentes. Ainda imaginamos fazer comunicação quando estamos apenas divulgando. Comunicação para nossas instituições, tradicionalmente é muito mais falar do que ouvir ou dialogar, muito mais convencer do que proporcionar a participação (Duarte, 2008).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Desinformação, educação midiática e fact-checking, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Rádio, TV e Internet do DCOM-UFPE, email: [evelyn.carolinalima@ufpe.br](mailto:evelyn.carolinalima@ufpe.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Rádio, TV e Internet do DCOM-UFPE, email: [paulo.atenorio@ufpe.br](mailto:paulo.atenorio@ufpe.br)

<sup>4</sup> Professora do Curso de Rádio, TV e Internet do DCOM-UFPE, email: [sofia.zanforlin@ufpe.br](mailto:sofia.zanforlin@ufpe.br)

Desta forma, a educação midiática exerce um papel essencial na construção da sociedade e na formação das perspectivas individuais e coletivas. O Guia da Educação Midiática do EducaMídia aponta a “educação midiática como direito dos estudantes”. (Ferrari et al, 2020, p.5). No entanto, tal letramento não faz parte do plano de ensino para a educação secundarista brasileira. Logo, devido ao despreparo do público é frequente que a comunicação seja utilizada de maneira inadequada, perpetuando estereótipos, preconceitos e discriminações, transformando sujeitos e ações em atividades torpes, legitimando práticas ilegais ou impróprias e garantindo voz para usurpadores dos direitos humanos.

Diante desse cenário, torna-se imprescindível abordar questões como o racismo, o fenômeno das notícias falsas, e da inteligência artificial, para além da pluralidade racial e de gênero nas discussões de estudantes de ensino médio, com foco em empreender esforços ativos para fomentar uma educação midiática.

O cidadão educado midiaticamente, ou seja, que sabe ler criticamente todas as informações que recebe, que utiliza corretamente as ferramentas de comunicação para fortalecer a sua autoexpressão e que participa de maneira consciente, ética e responsável do ambiente informacional, terá condições de exercer o seu direito fundamental à liberdade de expressão de forma plena. (Ferrari et al, 2020, p.7).

Desta maneira, a instrumentalização da sociedade para uso da mídia é algo necessário. Pois alerta o Guia da Educação Midiática:

Mesmo sem ter consciência, é quase impossível estar em algum lugar sem ser impactado por mensagens de diversos tipos e formatos que chegam até nós não só pelas palavras impressas no papel, mas, cada vez mais, pelas poderosas imagens e pelos sons da nossa cultura multimídia. (Ferrari et al, 2020, p.7).

Partindo desse ideal, o projeto “Midiatizado: Educação Midiática” buscou impactar estudantes do ensino médio da rede pública estadual com a oficina “Comunicação Antirracista” com o objetivo de desenvolver a literacia midiática, capacitando-os a compreender as diversas mídias, analisar exemplos, identificar causas e consequências da propagação de atos criminosos através dos meios de comunicação, e promover a utilização consciente e responsável desses meios.

## **METODOLOGIA**

O Projeto “Midiatizando: Educação Midiática”, idealizado para o fomento da literacia midiática em escolas de ensino médio da rede pública foi financiado pela chamada 07/2023 de Bolsas de Incentivo à Criação Cultural (BICC) da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco.

A princípio, foram adotadas oficinas que envolvessem temáticas com abordagens de questões políticas, sociais, culturais e que no geral estivessem alinhadas à comunicação. Intituladas de Comunicação Antirracista, Comunicação e Mídias Digitais, Educação Midiática e Comunicação e Direitos Humanos, as oficinas são uma das opções de estar em contato com os alunos de ensino médio de maneira interativa e que envolvam a participação ativa e espontânea deles, além de implementar novas perspectivas a cerca da comunicação e de como ela deve ser desenvolvida para abranger a pluralidade de vozes, inclusão de temáticas diversas e a criação de uma visão crítica acerca das produções de massa tanto tradicionais quanto tecnológicas.

As oficinas e suas aplicações envolvem uma revisão sobre a literatura base que levanta pontos essenciais para as futuras discussões dentro do panorama do novo ensino médio que tem contribuído significativamente para um desmonte e precarização do sistema de ensino e do conhecimento. Juntamente a isso, o uso de dinâmicas que ilustram as temáticas apresentadas é fundamental para facilitar a compreensão e uma imersão nas questões envolvidas. Ao fim da aplicação, os alunos são auxiliados a desenvolver pequenos produtos de comunicação, dentro dos seus limites de produção e que abordem a questão central da oficina.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O projeto surge da lacuna do Novo Ensino Médio, sendo colocada como um mecanismo de letrar jovens enquanto se cumpre a resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018 do Ministério da Educação, que ao atualizar as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, no artigo 5º inciso diz: “VII - diversificação da oferta de forma a possibilitar múltiplas trajetórias por parte dos estudantes e a articulação dos saberes com o contexto histórico, econômico, social, científico, ambiental, cultural local e do mundo do trabalho; VIII - indissociabilidade entre educação e prática social, considerando-se a historicidade dos conhecimentos e dos protagonistas do processo educativo; IX -

indissociabilidade entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem”. Fale ainda lembrar aquilo que Paulo Freire ensinou:

A verdadeira comunicação não admite uma só voz, um só sujeito, uma transmissão, uma transferência, uma distribuição, um discurso único, mas o sim a possibilidade de muitas vozes, alteridade cultural, independência e autonomia dos sujeitos, inúmeros discursos, enfim, estruturas radicalmente democráticas, participativas, dialógicas (Freire, 2014, p. 96).

Na cartilha “10 maneiras de enfrentar a desinformação” o Intervozes aponta a educação midiática como um braço forte para enfrentar problemas da comunicação.

É preciso criar, desde já, instrumentos para fomentar a análise crítica sobre os meios de comunicação tradicionais e novos junto ao conjunto da população, em larga escala. (...) Vale ressaltar que qualquer formação para a mídia precisa ir além da análise dos conteúdos e abordar também a estrutura econômica dos meios no Brasil e no mundo, bem como a regulação prevista no país e em outras jurisprudências. Apenas assim será possível formar cidadãos críticos quanto ao fluxo de informações, considerando conteúdos e também interesses políticos e econômicos das empresas de comunicação (Intervozes, 2021, p.6).

Com os smartphones sendo por vezes a forma primária de comunicação do indivíduo no dia a dia, a educação midiática se prova necessária. Em especial como mais uma forma de educação a ser desenvolvida nas escolas. Pois somente alfabetizando a sociedade da informação para a mídia será possível produzir e consumir um conteúdo crítico, plural, diverso, ético e livre.

Fornecendo-os habilidades integradas para a capacidade de explorar, avaliar, gerar e envolver-se de forma crítica no cenário informativo e midiático em todas as suas manifestações, abrangendo desde mídias impressas até as digitais. A atividade se torna ainda mais importante quando entendido que ao tempo em que a educação escolar ainda não alcança sequer as questões sociais, ambientais e antropológicas, tão presentes na academia, quem dera a comunicação, negada a grande parcela da população brasileira pelo “gap digital”, pela desigualdade e sobretudo pela falta de letramento midiático.

Letrar midiaticamente um jovem que vive na era da informação é garantir à sociedade um espaço seguro, em que se sabe que não se vive “numa terra sem lei” quando se usa a internet. Visto que, sendo letrados para mídia, o jovem tira melhor proveito desse ambiente. Como também, não aceite racismo, mortes, humor jocoso ou qualquer forma de desrespeito aos direitos humanos sendo disseminado por jornais,

revistas, rádio, televisão, internet, cinema, música ou qualquer outra maneira de se comunicar pela mídia.

## CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Durante o desenvolvimento do projeto foram visitadas duas escolas técnicas. Em 4 encontros, 2 na Escola Técnica Estadual Professor Alfredo Freire, no bairro de Água Fria no Recife/PE, e 2 no Campus Cabo de Santo Agostinho do Instituto Federal de Pernambuco. Os quatro encontros contaram com a presença de cerca de 90 alunos das duas instituições já citadas. O processo de participação foi feito de duas maneiras para cada uma: Na ETE Professor Alfredo Freire foi sugerido que os alunos pudessem manifestar o desejo de participação de forma espontânea através de uma inscrição prévia, o que contribuiu para a formação de um público mais ativo durante o desenvolvimento da oficina. Além disso, tendo os alunos um incentivo notório por parte do corpo docente da escola no que se refere a construção de um pensamento crítico acerca de temas diversos, a aplicação da oficina apenas auxiliou a tornar claro como tais questões estão presentes na mídia de forma geral. Os alunos participantes, portanto, contribuíram com suas visões e vivências individuais para o desenrolar da oficina, que pode pensar a mídia em suas mais diversas maneiras.

No IFPE Campus Cabo de Santo Agostinho, a participação se deu de maneira não espontânea para as duas turmas de ensino médio integrado e notou-se uma determinada resistência participativa. Contudo, com uma abordagem que foi se adaptando ao longo da aplicação, houve diversos relatos pessoais que auxiliaram tanto na identificação da temática quanto na percepção das questões levantadas sobre o cenário local, a exemplo da atuação inadequada de canais de comunicação como o Cabo Notícia e outras contas que estão ancoradas no *Instagram*.

Em avaliação posterior de forma virtual, os estudantes puderam expor a experiência. Sem identificar-se, um estudante da ETEPAF disse que “a liberdade de compartilhamento de experiências e vivências sobre o tema” foi o que mais o atraiu para a oficina. No IFPE uma das reações apresentava que a oficina “foi massa, eu amei cada momento, descobri várias coisas que não sabia e gostei das pessoas que trouxeram essa oficina” reafirmando a potencialidade de uma oficina em escolas públicas possuem para o letramento midiático da população.

## CONCLUSÃO

Falar sobre educação midiática ainda é um desafio, muitos não entendem a importância dessa literacia para o cotidiano e por isso o processo de acesso a instituições de ensino por vezes é dificultado.

O projeto, que nasceu a partir do trabalho final para conclusão da disciplina Teleducação, no curso de Rádio, TV e Internet, buscava ancorar em apenas uma escola, no entanto, após a oficina de teste, no âmbito da conclusão da disciplina supramencionada, ficou evidente a importância de passar por outras instituições. Entre os desafios, conseguir espaço para falar de comunicação em escolas cujo foco é a preparação de seus estudantes para o ENEM, mas como lucro vimos a possibilidade de não só debater a mídia, mas de mostrar para estudantes e professores que a mídia está em tudo.

Desta maneira, as oficinas puderam penetrar no cotidiano dos presentes e fazê-los refletir sobre como seu dia a dia é impactado por questões como o racismo, “gap digital”, uso das mídias sociais, violação de direitos humanos na mídia.

## REFERÊNCIAS

CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE. **Manual prático (muito prático mesmo) de Leitura Crítica da Mídia**. 2012. Disponível em:

<http://cclf.org.br/project/manual-pratico-muito-pratico-mesmo-de-leitura-critica-da-midia/>.

Acesso em: 25 de mai. 2022.

DUARTE, Jorge. **Os desafios da comunicação pública**. 2008. Disponível em:

<https://www.comunicacaoecrise.com/downloads/Desafios%20da%20Comunicacao%20Publica-Jorge%20Duarte.pdf>. Acesso em: 25 de mai. 2022.

FERRARI, A. C.; OCHS, M.; MACHADO, D. **Guia da Educação Midiática**. 1. ed. – São Paulo : Instituto Palavra Aberta, 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Editora Paz e Terra, 2014

INTERVOZES. **10 maneiras de combater a desinformação**. 2021. Disponível em: <https://intervozes.org.br/publicacoes/10-ways-to-combat-disinformation/>. Acesso em: 25 de mai. 2022.